

Apocalipse e o Pacto

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O Livro do Apocalipse é parte da Bíblia. À primeira vista, isso pode não parecer um discernimento brilhante, mas é um ponto que é tanto crucialmente importante como universalmente negligenciado na prática atual de exposição. Pois, tão pronto reconhecemos que o Apocalipse é um documento bíblico, seremos forçados a fazer uma pergunta central: Que tipo de livro é a Bíblia? E a resposta é esta: *A Bíblia é um livro (O Livro) sobre o Pacto*. A Bíblia não é uma Enciclopédia do Conhecimento Religioso. Nem é uma coleção de Contos Morais, ou uma série de estudos de psicologia pessoal dos Grandes Heróis do Passado. A Bíblia é a revelação escrita de Deus acerca de si mesmo, a história de sua vinda até nós no Mediador, o Senhor Jesus Cristo; e é a história da relação da Igreja com ele por meio do Pacto que ele estabeleceu com ela.

O Pacto é o significado da história bíblica (história bíblica não é primariamente histórias de aventura). O Pacto é o significado da lei bíblica (a Bíblia não é primariamente um tratado político sobre como estabelecer uma República Cristã). E o Pacto é o significado da profecia bíblica também (assim, a profecia bíblica não é “predição” no sentido oculto de Nostradamus, Edgar Cayce e Jean Dixon). Para o homem, os profetas eram os emissários legais de Deus para Israel e as nações, atuando como procuradores que traziam o que veio a ser conhecido entre os eruditos recentes como o “Processo Legal do Pacto”.

Que a profecia bíblica não é simplesmente “predição” é indicado, por exemplo, pela declaração de Deus por meio de Jeremias:

No momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derrubar, e para destruir, se a tal nação, porém, contra a qual falar se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe.

No momento em que falar de uma nação e de um reino, para edificar e para plantar, se fizer o mal diante dos meus olhos,

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Novembro de 2006.

não dando ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que tinha falado que lhe faria. (Jeremias 18:7-10)

O propósito da profecia não é “predição”, mas avaliação da resposta ética do homem à palavra de ordem e promessa de Deus. Esse é o porquê a profecia de Jonas sobre Nínive não se cumpriu: Nínive se arrependeu de sua maldade, e a calamidade foi desviada. Como outros escritos bíblicos, o Livro de Apocalipse é uma profecia, com uma específica orientação de pacto e uma referência a ele. Quando o contexto do pacto da profecia é ignorado, a mensagem que S. João procurou comunicar é perdida, e o Apocalipse se torna nada mais que um veículo para promover as teorias escatológicas do pretense expositor.

Consideremos um exemplo de menor importância: Apocalipse 9:16 nos fala de um grande exército de cavaleiros, que somavam “miríades de miríades”. Em alguns textos gregos, se diz que são *duas miríades de miríades*, e é algumas vezes traduzido como *200 milhões*.² Todo tipo de explicações fantásticas e artificiais tem sido propostas para isso. Talvez a teoria mais conhecida de tempos recentes seja a opinião de Hal Lindsey de que “estes 200 milhões de soldados são chineses comunistas acompanhados por outros aliados orientais. É possível que o poderio industrial do Japão se una ao da China Comunista. Pela primeira vez na história, o Ocidente será completamente invadido pelo Oriente”.³

Tais adivinhações podem ou não ser exatas com respeito a uma invasão chinesa futura, mas não diz absolutamente nada sobre a Bíblia. Para ajudar a colocar a visão de Lindsey numa perspectiva histórica, compararemos a mesma com a de J. L. Martin, um pregador do século 19 que, embora compartilhando as pressuposições básicas de Lindsey sobre a natureza e o propósito da profecia, chegou a uma conclusão diferente e engraçada de que os “200 milhões” de S. João representavam “a força de combate do mundo inteiro” de 1870. Observe-se o raciocínio astutamente científico de Martin, semelhante ao de Lindsey:

Temos pouco mais que um bilhão de habitantes sobre a terra... Mas desse um bilhão aproximadamente quinhentos milhões (a metade) são mulheres, deixando uma população média de habitantes homens em aproximadamente quinhentos milhões; e desse número aproximadamente metade são menores, deixando aproximadamente duzentos e cinquenta milhões de homens adultos sobre a terra ao mesmo tempo. Porém, desse número de homens adultos

² Nota do tradutor: A Almeida Atualizada (RA) apresenta “duzentos milhões”.

³ Hal Lindsey, *There's a New World Coming* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 1973), p. 140.

aproximadamente a quinta parte são de jubilados – muito velhos pra lutar. Esses são fatos estatísticos. Isso nos dá exatamente os duzentos milhões de combatentes sobre a terra que João menciona. E quando provamos algo matematicamente, cremos que está muito bem feito.⁴

Mas Martin está apenas começando a caminhada. Ele continua sua exposição, fazendo a terrível descrição dos soldados em 9:17-19: “E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo e fumaça e enxofre. Por estes três foi morta a terça parte dos homens, isto é pelo fogo, pela fumaça, e pelo enxofre, que saíam das suas bocas. Porque o poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas. Porquanto as suas caudas são semelhantes a serpentes, e têm cabeças, e com elas danificam”. Ainda que os modernos apocalipsistas considerem isto em termos de lasers e lançadores de mísseis, Martin tinha uma explicação diferente – uma explicação de acordo com o estado da arte militar em seus dias, quando Buffalo Bill estava lutando com os índios Sioux como chefe dos batedores da Quinta Cavalaria do General Sheridan:

João está apontando para o modo moderno de combater a cavalo, com o cavaleiro inclinado para frente, o qual, como ele o vê, e como alguém o vê desde certa distância, se pareceria com a grande juba de um leão; o homem inclinado sobre o pescoço do seu cavalo. Ao combater com armas de fogo, teria que inclinar-se para frente a fim de disparar, para que não atingisse ao cavalo sobre o qual cavalgava. Nos dias de João, a postura era muito diferente...

Agora, quero perguntar aos meus amigos ouvintes: Não se cumpre isto tão literalmente diante dos nossos olhos como poderia cumpri-se? Não estão todas as nações envolvidas neste modo de guerra? Os homens não se matam com fumaça e enxofre?... Não sabemos que isso é simplesmente a pólvora incendiada?... Poderia um homem não inspirado, no final do primeiro século, ter falado sobre esse assunto?⁵

A menos que vejamos o Livro do Apocalipse como um documento pactual – isto é, se insistirmos em lê-lo primariamente como se fosse uma predição das guerras nucleares do século vinte ou uma polêmica contra a Roma do primeiro século – sua continuidade com o restante da Bíblia será perdida. Ele se tornará um apêndice escatológico, uma visão das “últimas coisas” que no final tem pouco a ver com a mensagem,

⁴ J. L. Martin, *The Voice of the Seven Thunders: or Lectures on the Apocalypse* (Bedford, IN: James M. Mathes, Publisher, sixth ed., 1873), pp. 149f.

⁵ *Ibid.*, pp. 151f.

propósito e preocupações da Bíblia. Contudo, uma vez que entendermos o caráter do Apocalipse como um Processo Legal do Pacto, ele cessará de ser um livro “estranho” e “misterioso”; já não mais será incompreensível ou decifrável somente com o índice do *New York Times*. No mínimo, em seus temas principais ele se tornará tão acessível a nós quanto Isaías e Amós. O Livro do Apocalipse deve ser visto em seu caráter de *revelação* bíblica desde o início. Captar esse único ponto pode significar um “salto quântico” na interpretação; pois, como deixou claro Geerhardus Vos em seus estudos de teologia bíblica, “a revelação está relacionada, em cada ponto, com o destino de Israel”.⁶

Fonte: *The Days of Vengeance*,
David Chilton, p. 18-9.

⁶ Richard B. Gaffin Jr., ed., *Redemptive History and Biblical Interpretation: The Shorter Writings of Geerhardus Vos* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1980), p. 10.